

Como Robin Williams, Naran Matos e Yoko Ono me auxiliaram a descortinar o submodo expressividade em Filosofia Clínica¹

Márcio José Andrade da Silva²

Ao ser convidado para escrever sobre o submodo *Expressividade*, me senti como Santo Agostinho diante do tempo: “*Se ninguém me perguntar, eu sei; porém, se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei*”. Ora, mas dessa forma este texto terminaria aqui. E o desafio – o que é o submodo Expressividade? – continuaria a se propor.

Recorri às velhas anotações das aulas que tive com Lúcio, quando de minha formação em Filosofia Clínica. Assim, iniciamos a aproximação pelo tópico da estrutura de pensamento, denominado Expressividade; veja que ainda não estamos a tratar do submodo. As anotações dizem que “*Expressividade é o quanto de mim mesmo que vai, na maneira como estava em mim, em direção ao outro*”; aquilo que eu sou e compartilho com o outro; mas essa partilha não é com qualquer coisa, é com uma pessoa. E, mesmo assim, há um gradiente nessa *expressividade*; com algumas demonstro minhas emoções mais profundas, permitindo que aquele momento seja único, marcante, proveitoso; já com outras pessoas de minha relação – uma grande parte – em que esse expressar-me não é tão profundo.

Fica o lembrete de Lúcio: “*Sabem de uma coisa muito importante? A Expressividade se refere à relação da pessoa com ela mesma e depois em direção ao outro. O quanto de mim mesmo segue ou não segue ou se modifica quando em relação com o outro, mas esse outro é sempre, sempre, sempre mesmo, uma pessoa!*” Não adianta ser como Belchior e fazer uma balada romântica para sua geladeira Frigidaire ou como Paul McCartney e compor uma música para sua cachorra Martha; isto são *deslocamentos*.

Agora, imaginem uma pessoa ensimesmada, fechada em si mesma, sua *Expressividade* não é a oratória, não é o estar diante dos outros... e você, equivocadamente, solicita que ela incorpore o papel de orador e faça o discurso de formatura da turma. Se a *Expressividade* não for o submodo identificado como o ideal para aquela Estrutura de Pensamento (EP), conseguem imaginar o estrago estrutural existencial possível de acontecer?

Lancei mão de três pessoas para exemplificar a *Expressividade* como modo de agir. O ator Robin Williams (1951-2014), o poeta Naran Matos (1975) e a artista plástica Yoko Ono (1933). Cada um, em seu papel existencial, mediados por seus dados de semiose, entre outros submodos, nos mostram o quanto delas vem em direção aos outros, que os veem, os leem, interagem; com uma intencionalidade explícita, ou não.

Vamos, então, aos relatos desses meus encontros.

I - Um ator

Meu primeiro contato com Robin Williams foi no filme *Bom dia Vietnam* (1987), no qual ele interpretava Adrian Cronauer, um locutor de rádio, em plena guerra, buscando mudar a programação da rádio do exército norte-americano para o gosto musical da tropa – uma forma de *recíproca de inversão*, de ir ao mundo do outro. Em seguida assisti sua breve aparição no *As aventuras do Barão de Münchhausen* (1988), onde interpretava o Rei da Lua, um personagem que tinha uma luta entre a Razão (sua cabeça) e as Sensações (o seu corpo); a cabeça não querendo ser escrava do corpo e este querendo prendê-la, pois dependia da cabeça para sentir os prazeres. Depois veio o icônico *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), John Keating, personagem de Williams, é um professor que subverte as normas escolares, cativando seus alunos a aproveitarem o dia, a vida. Em *Tempo de Despertar* (1990), que é baseado no trabalho desenvolvido pelo neurologista Oliver Sacks, o personagem de Williams parte de um outro ponto de vista para o tratamento de pacientes que aparentemente estão catatônicos; utilizando um medicamento aplicado em pacientes com Mal de Parkinson, seus pacientes começam a “despertar” e buscar o tempo perdido enquanto estavam acamados. Em *O Pescador de Ilusões* (1991), Williams nos apresenta Parry, um professor universitário que tem sua vida destruída indiretamente pelos comentários do radialista Jack Lucas (Jeff Bridges).

¹ Publicado originalmente na obra *Submodos* (

² Filósofo Clínico; autor da obra *Filosofia Clínica e Cinema – uma compreensão teórica e prática através de filmes*. (2014); sócio proprietário do Instituto Mineiro de Filosofia Clínica (IMFIC) e Recanto da Filosofia Clínica de São Paulo. Editor da Revista de Filosofia Clínica PARTILHAS. marciojosefc@gmail.com

Em 1998 é lançado o filme *Patch Adams*, referência, pelo menos para mim, no relacionar com o outro. Há uma cena onde o estudante de medicina Patch Adams (Robin Williams) ao ver que a paciente era nominada pela doença pergunta pelo nome dela, causando espanto no grupo de estudantes que estavam a estudar o caso. Ali se encontrava um ser humano e não uma doença.

Em 2001, Robin Williams participou do programa *Inside The Actor Studio*, capitaneado pelo apresentador James Lipton (1926-2020). O programa realizava entrevistas com atrizes e atores, onde respondiam perguntas de Lipton e da plateia, expunham sua forma de trabalhar, sua história de vida. Aqui teremos apenas um trecho dessa entrevista; a “pobreza” da tinta é não podermos usufruir dos trejeitos feitos por Williams, que complementam sua fala.

James Lipton: Como você explica os reflexos mentais que você desenrola com tanta agilidade? Como você pode pensar mais rápido que todos nós? O que diabos é isso?

Robin Williams: *(após um ataque de risos, se recompõe e começa a falar como se fosse um apresentador de um programa de ciências)* O que é a sua mente? O que causa isso em você? Tente se explicar... *(fingindo abrir a cabeça)*

(começa a descrever as suas atitudes no berço) Vem de uma parte de mim que procurava pela mãe, ela me olhava e eu pensava: “serei engraçado para ela” até que... “Quero ser aceito. Você gosta de mim”. Não é bem assim.

Posso ser treinado e mostrar que sou inteligente. Posso dizer: “delicatessen” sabendo o que é. Ou “invertebrado” *(faz uma postura desconjuntada)*, ou “inveterado” *(uma postura amigável)*, ou “degenerado” *(improvisa uma postura lascívia)*... Mas tudo isso faz parte da mente.

Eu descobri que a mente é uma glândula de 1,5 kg que bombardeia constantemente os neurônios respondendo aos estímulos. Mas, nós evoluímos lentamente. Mesmo Darwin dizendo: “eu tenho esperança. Eu tinha tanta esperança”. Tem tudo a ver. *(falando de modo acelerado)*. A mente se adapta e evolui. Mas vou tentar não falar tão rápido, afinal, *(desacelera)* vocês têm que acompanhar. *(Pausa)*.

Ao assistir Robin Williams, em shows, entrevistas, fica perceptível que não basta a oralidade; o corpo e o gestual são imprescindíveis para compreendermos o que ele nos quer comunicar.

II - Um poeta

Narlan é uma daquelas boas surpresas da rede social. Ele me foi apresentado de forma indireta por meio de uma postagem do Marcos Reigota; de um trecho do poema *um itinerário de esperança*, retirado de *Canto aos homens de boa vontade* (2018):

começar pelas coisas mais comuns:
sair de casa, olhar as nuvens, insetos
a chuva, as árvores, as formigas
olhar o sol da tarde, a tarde em si
caminhar pela rua, sentir a brisa
discursando pelas ramagens azuis
pelas flores tão verdes do verão
os bichos pelo caminho: o gato, o cão
aprender o idioma dos gatos e dos cães
continuar caminhando pela tarde –
ou pela manhã se for então manhã...(2018: 56).

Uma primeira leitura me jogou às lembranças de Manoel de Barros e suas coisas desimportantes. Impactado por aquelas palavras – era o início da quarentena – compartilhei a postagem e, para minha surpresa, logo em seguida, Narlan entrou em contato. Fiquei curioso em conhecer aquele poeta. Reconhecido internacionalmente e desconhecido nacionalmente. Para sorte deste que vos escreve, a Universidade do Estado da Bahia, através do seu projeto *A vez da palavra*, realizou um encontro virtual, *A poesia de Narlan Matos e sua trajetória internacional*; mediado pelo professor Gildecir Leite (UNEB). O poeta conversou sobre sua trajetória litero-existencial com a professora Jocimar Bertelli (Unioeste) e os professores Antônio Donizeti (Unioeste) e Adenilson Albuquerque (IFPR); nas palavras de Narlan, foram eles os responsáveis por apresentá-lo para o seu próprio país.

Aqui teremos um recorte desta conversa, no qual busquei demonstrar, na fala de Narlan, o seu modo de expressão e como isto é para ele uma necessidade. Neste recorte quero indicar ainda como outros elementos de uma historicidade, como por exemplo, as relações, podem auxiliar/provocar/demandar o surgimento de uma *Expressividade*. Iniciamos com um relato breve de sua leitura de mundo e de como ele se vê:

Nasci em Itaquara, a minha querida Itaquara, lá no sudeste da Bahia. É uma das regiões mais pobres, economicamente falando, mas, também, do ponto de vista cultural, é uma das regiões mais ricas.

Olha, eu não escrevo nada, eu dou testemunho nos meus poemas. Eu não escrevo quase nada, na verdade aquilo ali são testemunhos do que eu vi, do que eu vivi. Eu não sou muito partidário dessa literatura de “sentir, sinta quem lê”. Antes eu senti tudo, talvez as pessoas que leiam sintam junto comigo.

Narlan continua a descrever seu local de nascimento, do universal (Itaquara) para o singular (sua rua). E sua rua era um país, não no sentido geográfico, cultural. Uma percepção já madura de sua infância.

Eu venho de uma região que é produtora de café, a Bahia de onde eu venho é uma Bahia que produzia muito café, o meu avô materno era um grande produtor de café e eu venho de uma região serrana, onde faz muito frio, fazia muito mais antigamente, na minha infância. Um inverno onde quatro horas da tarde já estava tudo escuro, minha mãe fechava as portas, janelas... porque o inverno era muito frio e muito escuro.

A minha rua era praticamente a Grécia, eu, nesse sentido, tive muita sorte de ter nascido em Itaquara, porque ali, naquela cidade, encasulada no tempo e no espaço, dentro daquele casulo tempo-espaço, eu tive acesso a um Brasil que está ficando cada vez mais raro de se encontrar. [...] um Brasil que ainda não tinha contato com a cultura de massa, tinha só o rádio – mas nem todo mundo tinha dinheiro suficiente para ter rádio.

Então, eu tive acesso a essa cultura oral, essa cultura de boca, essa cultura que era produzida pelo povo. Então, eu me considero um poeta do povo, um poeta nascido das brenhas do povo, de dentro da população.

O poeta vai se deter em uma relação muito importante. Trata-se de Arlindo, um senhor quase analfabeto que, ao mesmo tempo conhecedor de poucas letras irá levar o poeta para aventuras que, hoje, Narlan encontra paralelos na literatura universal. Interessante perceber a importância desta relação, destacada por Matos, na sua constituição como sujeito no mundo.

Sou de uma família de proletariados, e ali, naquele universo [...] eu conheci um dos grandes personagens da minha vida, o seo Arlindo borracheiro, um homem que me influenciou sobremaneira, porque ele me contava histórias, [...] ele vinha da tradição grega; apesar de ser um homem praticamente iletrado, ele me contava muita história... ele era um homem espetacular, quase todas as histórias que ele me contava, quase toda a tarde, [...] tinha uma algaroba gigantesca, devia ter uns dez metros de altura por dez metros de diâmetro, e ele se sentava ali, e aquela algarobeira ali dançando, aquele vento sibilante – porque a palavra vento na minha poesia vai aparecer muito – aquilo não é uma coisa aleatória, porque em Itaquara ventava muito, mas muito vento mesmo! Eu me lembro de ouvir o vento nas árvores, e ele me contava aquelas histórias.

Mais tarde, quando eu fui para a universidade, que fui conhecer Homero, que me falaram sobre a Odisseia. Dei uma risada, isso eu já conheço, ele é meu amigo. Por que? Porque as histórias que ele me contava, ele era um personagem extraordinário. Para mim ele era uma mistura de Alejo Carpentier com Gabriel García Márquez, era onde o realismo fantástico se encontrava com o real maravilhoso; numa mesma pessoa, um olho na realidade outro fora da realidade.

Ele me contava histórias sobre uns gigantes que tinham aparecido na gleba de terra dele, que um dia ele caiu dentro da pegada que um gigante deixou lá. Imagine! Isso aqui é *Gulliver*! Não é a história de Lilliput? A história de um gigante? Então eu conhecia a literatura universal através da oralidade de um homem que era praticamente iletrado; ele não conhecia Jonathan Swift, ele não conhecia ninguém daqui, ele vinha da imaginação.

Outro personagem que fará parte dessa narrativa poética é o seu Marco, estando mais, pelas características que deixou marcadas em Narlan, para um personagem das histórias fantásticas. Outra figura da literatura universal que caminhava pelas ruas de Itaquara, diante do espanto do menino Matos.

Do lado tinha o seu Marco, que era outro homem incrível, homem alto, muito forte, ele ia tomar conta das cabras dele de paletó e gravata, de paletó! Parecendo que ia para a Bolsa de Nova Iorque, com chapelão, descalço, era um personagem incrível! Ele tinha um filhinho adotivo, pequeno e ele era tão grande que o filhinho cabia no bolso lateral do paletó, e a rua toda gostava de ver quando ele passava de tarde com as cabras e o filho no bolso do paletó, *O Pequeno Polegar*, é outro personagem da literatura universal. Quem já ouviu falar nisso: um homem que carregava o filho no bolso do paletó? Essa era a minha rua. Tinha a tia Nalva, minha querida tia Nalva, não é minha tia de sangue, mas é tia de coração; sempre ali comigo, fazendo os amuletos – aí entra o lado místico. Esses são os três dos principais.

Narlan Matos nos conta o início de sua jornada, sua cidade natal, a rua e algumas pessoas que lá viviam. Hoje, olhando a literatura universal, percebe que personagens como Homero, Gulliver, já estavam lá em Itaquara, em sua vida infantil, no interior da Bahia. Em seu modo de expressar, como o poeta afirma: *Eu não escrevo nada que não tenha vivido, eu sou o personagem da minha própria literatura*.

De seu segundo livro, *acampamento das sombras*, ao *Elegia ao novo mundo* há um hiato de doze anos. Foi um tempo de maturação das vivências do novo; o autor havia mudado geograficamente, estabelecendo novas relações, em grande parte, por meio de sua escrita e do reconhecimento no exterior por meio de convites para

universidades em outros países. Mudava seu mundo externo, mudava seu mundo interno. Sintetizava tudo no poema homônimo ao seu livro, ou vice-versa.

ELEGIA AO NOVO MUNDO³

tu me perguntas meu amigo
onde eu estive durante o meu longo silêncio

estive na açucena das canas e na amargura dos canaviais
onde as folhas tremiam de medo dos homens
os canaviais me sussurraram em gritos horrendos
o sangue amargo que lhe adocicou a boca
as mãos ásperas que lhe enxugaram a face
o canavial que morria de fome antes de completar 27 anos de idade
das vozes sem estrela que embalavam ao longe línguas estranhas
ó canavial verde, de que cor é meu sangue vermelho?
meu sangue tem medo da morte do açoite da noite
meu sangue tem medo de mim

tu me perguntas meu amigo
onde eu estive durante o meu longo silêncio

eu estive nos navios negreiros mercantes
que mercaram meu destino até a América até agora
beberam minhas lendas como se bebe um barril de rum podre
mercaram cada estrela do céu e do mar infinito
cada pássaro cada pluma de meu cocar
e desenharam mapas com meu sangue
e ergueram totens sobre minha tribo
e atearam fogo nos campos sagrados do meu povo
e suas lanças me repartiram as veias em continentes distantes diferentes

tu me perguntas meu amigo
onde eu estive durante o meu longo silêncio

estive pelas escumas dos mares nunca d'antes
por onde vieram a pólvora a baioneta o espelho a tuberculose a sífilis
por onde vieram a espada e o elmo
— as nuvens jamais se esquecerão disso!

oh mar salgado, quanto de teu sal são genocídios de Portugal!

no atlântico negro
nos tombadilhos de velhos navios piratas
nos calabouços da crueldade humana
nas prisões da Serra Leoa — que ainda doem em alguma dobra do meu corpo
em Angola
na Guiné-Bissau
no Senegal
no Benin
estive no reino da Guatemala
e na província de Yucatán
e na província de Cartagena de las Índias
e nos grandes reinos e grande província do Peru
e no novo reino de Granada
e nas ilhas de Cuba e Trinidad
e no reino dos Astecas
onde espadas de brutalidade fenderam meu corpo nu
onde os cães de caça dos barões das Índias se alimentavam dos braços e
[das pernas de crianças indefesas

³ MATOS, Narlan, in *Elegia do no mundo*, Rio de Janeiro: 7letras, 2012: 17.

tu me perguntas onde eu estive meu amigo
e somente agora posso quebrar meu silêncio:
eu estive comigo

III - Uma artista

O ano era 2017; anunciada, na cidade São Paulo, no Instituto Tomie Ohtake, a exposição *O céu ainda é azul, você sabe...* de Yoko Ono. Um bom argumento para levar minha sobrinha Ayara a passear e podermos apreciar o que a artista tinha a nos apresentar.

Para todo beatlemaníaco, me permitam a universalização, Yoko não é desconhecida. Ela surge, para alguns, quando se casa com John Lennon, para outros, foi responsável pela separação dos Beatles, a maioria a conhece pelos gritos durante as músicas da carreira solo de Lennon; apesar de tudo, ela é bem maior do que os rótulos. Confesso que a conhecia dessa parceria com Lennon, li parcas reportagens sobre seu trabalho e de como John a havia conhecido em uma galeria de arte.

Uma característica que me chamou a atenção no casal foi a postura pacifista e como chamavam a atenção para essa proposta por meio de ações, digamos, inusitadas: convidando todos para compartilhar o seu leito de lua de mel, cortando todo o cabelo para arrecadar fundos para um movimento negro de Londres, distribuindo um par de sementes de carvalho a todos os líderes mundiais para que estes o plantassem pela paz mundial.

Lançaram juntos um LP, *Some Time in New York City* (1972), o design gráfico era de um tabloide. Nele denunciava a prisão de Angela Davis, clamava pela liberdade do poeta John Sinclair, escancarava a exploração da mulher, expunha a rebelião e o genocídio no presídio Attica State pelo Estado de Nova Iorque... um disco político, totalmente político – como se nossa atitude no mundo não fosse. (Re)existir é político.

Yoko Ono nasceu em Tóquio, Japão, em 1933. Oriunda de uma família rica, seu pai um grande executivo de banco; e sua mãe, neta do fundador do Banco Yasuda; em virtude disso, sua infância foi vivida entre os Estados Unidos e o Japão. Durante a Segunda Guerra Mundial Yoko se encontrava em Tóquio; quando ocorreram os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, a família foi se refugiar nas montanhas. Em 1952 Yoko, juntamente com seus pais, muda para os Estados Unidos onde inicia sua vida artística; junto com o músico John Cage e o coreógrafo Mercy Cunningham fundam o grupo Fluxus, com características libertárias, que irá atrair diversos artistas de vanguarda.

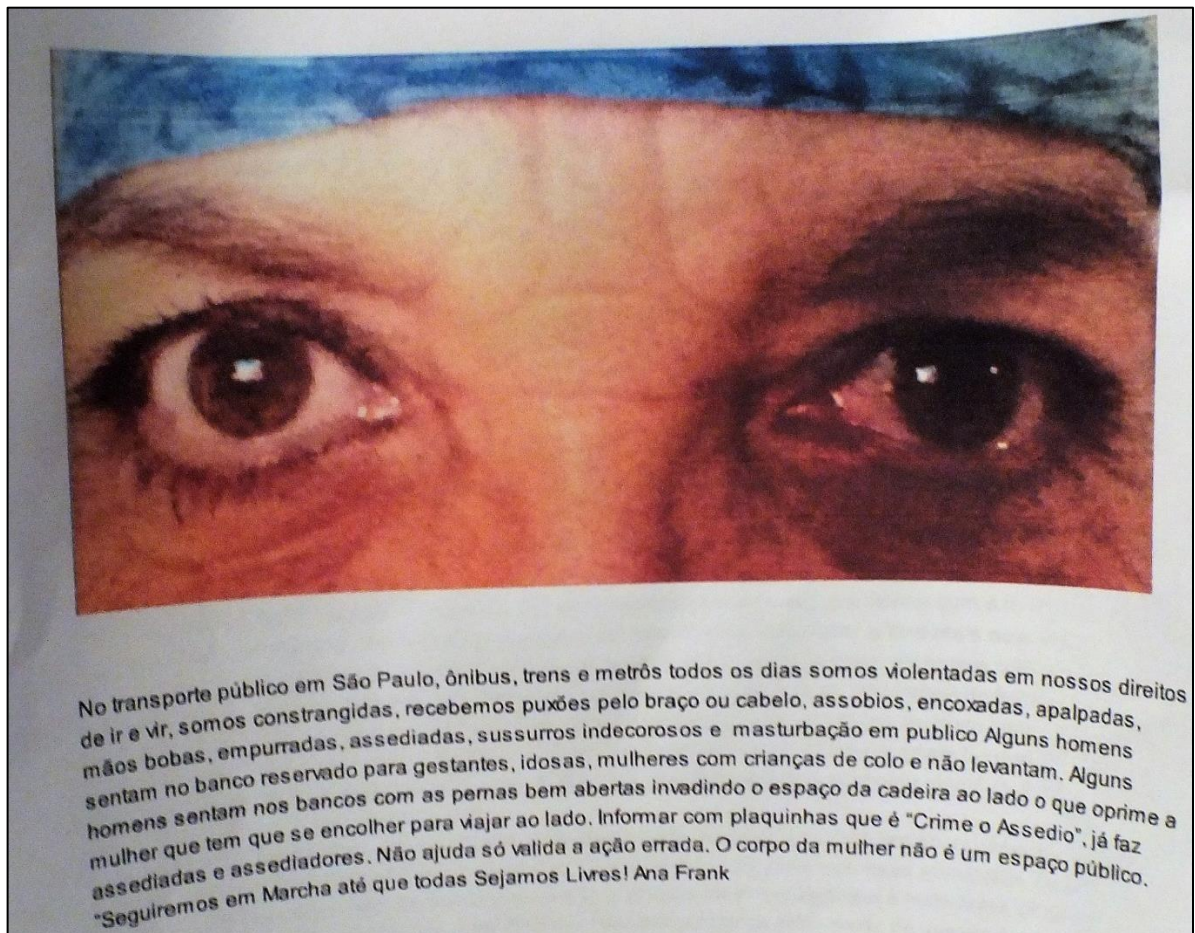
Em 1966, Yoko Ono é convidada a realizar uma exposição individual na Indica Gallery, em Londres, onde conhece John Lennon; juntos vão se expressar nos mais diversos meios: cinema, fotografia, música etc.

Mas o que interessa para nós são as obras de arte, que, no meu entender, são instigadoras à participação de quem frequentou a exposição em São Paulo. *O céu ainda é azul, você sabe...* foi uma retrospectiva da obra de Yoko. O curioso da exposição, ao contrário do que ocorre na maioria das exposições, onde as obras de arte estão ali para serem observadas e apreciadas, na exposição de Yoko ela te convida a ser coparticipante: que você, afetado pela obra, interaja e expresse o que lhe provocou. Por exemplo, em *Pintura para martelar um prego* (1961), a artista convida a martelar um prego no espelho, ou num pedaço de vidro, ou numa tela de madeira ou metal, por todas as manhãs até que fique totalmente coberta por pregos. Em *Pintura para ser construída na sua cabeça* (1962), a indicação é para que imagine um quadro branco e vá modificando-o até ele tornar-se uma forma circular, então coloque nessa tela imaginada, um som, um cheiro, uma cor que tenha surgido em sua mente.



Na *Pintura para apertar as mãos* (1966), a orientação é para fazer um buraco na tela e receber seus convidados apertando e conversando com as mãos. Em *Peça Remendo* (1966-2017): existem milhares de cacos de xícaras e pratos espalhados em uma mesa; o convite é para colar as peças e expô-las na prateleira; assim, através desse ato de consertar você também conserte o universo. Com a *Árvore dos pedidos* (1996-2017): a ideia é um gesto simples, faça um pedido, escreva em um papel, fixe na árvore e peça à árvore que envie seu pedido a todas as árvores do mundo. *Pessoas invisíveis* (2011-2017) fica na sala *Sombra de Hiroshima*, um flash de luz, impregna na parede a imagem da pessoa que visita essa obra, como se fosse a explosão da bomba atômica em Hiroshima.

Emergir (2013-2017) foi a obra que mais me impactou, por sua carga de emoção contida. Nela Yoko Ono solicitou que mulheres brasileiras relatassem as violências que sofreram, “*Escreva seu depoimento em suas próprias palavras e descreva-o da melhor forma que encontrar*”, solicitou a artista. Milhares de mulheres atenderam ao chamado. Milhares de olhos a te fitarem e narrarem sua história de violência sofrida. Todas as narrativas expostas em um grande mural.



Uma conclusão inconclusa

Nesses exemplos citados, vimos como três artistas se expressam: um ator por meio de seus gestos e oratória, um poeta utiliza a pena e o papel e uma artista plástica expressa e lhe convida a interagir com sua obra, obra que ficaria incompleta sem a participação do outro. Essas três pessoas buscam nos tocar com o que produzem, e essa produção vem de sua relação com o mundo.

Exprimem o que são para si mesmos e em direção a quem com eles interatua.

Aqui, você tem uma das formas de minha expressão: a escrita. Mais do que os próprios exemplos que selecionei; há muito mais de mim do que deles. Se esse meu dado de semiose cumpriu seu papel, caberá a cada um de vocês dizer, expressar-se.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, S. **Confissões**, São Paulo: Martin Claret, 2008

MATOS, Nalran. **Elegia ao novo mundo e outros poemas**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

MATOS, Nalran. **Canto aos homens de boa vontade**. Guaratinguetá: Penalux. 2018.

ONO, Yoko. **Acorn**. Trad. Carolina Caires Voelho. São Paulo: Editora Batela, 2014.

ONO, Yoko. **Liberté Conquérante. Growing Freedom. Les instructions de Yoko Ono. L'art de John et de Yoko. The instructions of Yoko Ono. The art of John and Yoko**. Ed. Gunnar B. Kvaran et al. Montreal, 2019.

Referências videográficas

Robin Williams: Entre na minha mente. Robin Williams: Come Inside My Mind. 2018 • Documentário/Comédia • 1h 57m. HBO Documentário **Direção**: Marina Zenovich

A poesia de Nalran Matos e sua trajetória internacional – Entrevista à Profª Ms. Jocimar Bertelli (UNIOESTE), do Prof. Dr. Antônio Donizeti da Cruz (UNIOESTE) e do Prof. Dr. Adenilson Albuquerque (IFPR). <https://www.youtube.com/watch?v=Y4rWhH9vce4&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0ruBYACCW4u4eLm6xr7qZ1NOua8XSSqB5k9ccKDaqha2LvoMdotFk2Klo> 04/07/2020. Canal Universidade da Gente